

PUC

WWW.APROPUCSP.ORG.BR
PUBLICAÇÃO ACADÊMICA E INFORMATIVA
TRIMESTRAL DOS PROFESSORES DA PUC-SP

viva

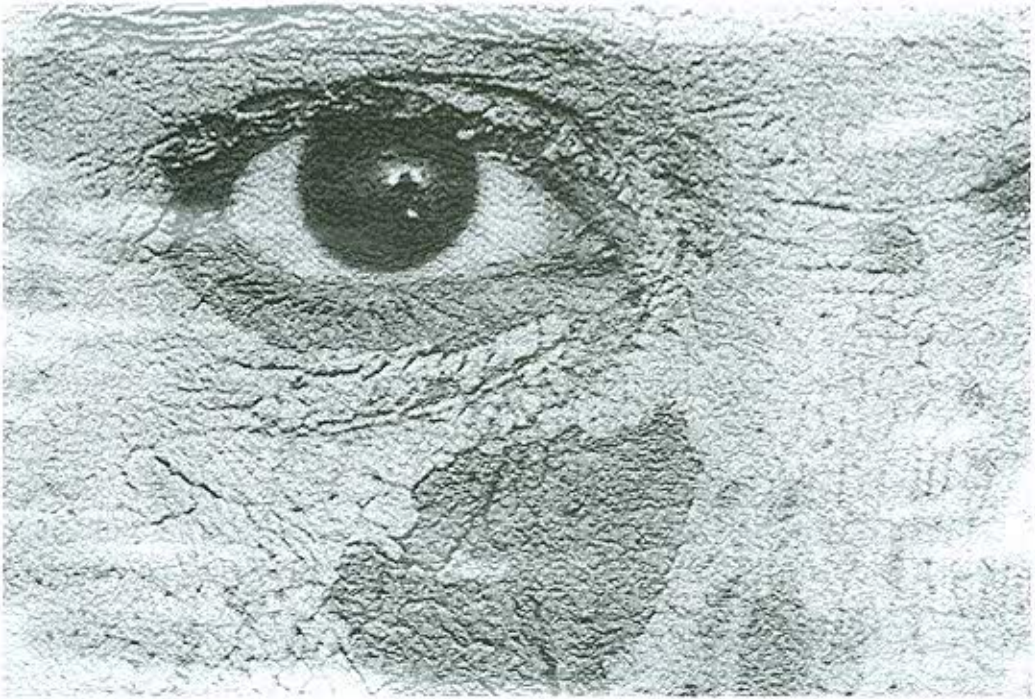
ANO 8 - Nº 29 - JANEIRO A MARÇO DE 2007

REVISTA

TEFRA

REVOLTA DA NATUREZA

ISSN 1806-3667



É PRECISO SE POSICIONAR POLITICAMENTE

O 4º Relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas demonstrou que as conseqüências dos desequilíbrios no funcionamento da natureza serão devastadoras nas próximas décadas, caso não seja contida a emissão de gases-estufa. As certezas ou incertezas em relação à irreversibilidade das mudanças causadas pelas interferências do homem não vêm ao caso. A pergunta essencial é se o sistema de produção e distribuição, baseado na propriedade privada dos meios de produção e no mercado, poderá se adaptar de forma a não acirrar as contradições com a natureza, ou se terá de ser inteiramente transformado para cessar a agressão às leis naturais.

Os mais bem informados e eminentes analistas dos meios oficiais – cientistas, políticos e jornalistas – evitam colocar a questão nestes termos. As catástrofes vividas e as de maiores proporções previstas não têm servido para levar a interrogar e responder se o sistema capitalista comporta mudanças que o mantenham e que preservem a natureza.

Parte das explicações desconhece a palavra “capitalismo”, referindo-se apenas a mercado, padrão de consumo e estilo de vida. Os mais avançados fazem algumas críticas ao capitalismo, nomeiam a “lógica capitalista global”, o “modelo econômico dominante”, os “processos de fabricação” e a “reconversão dos meios privados de produção”.

Não por acaso, a imensa maioria dos comentários jornalísticos acentua que o consumismo é a praga a ser debelada. Desvinculam o “consumismo” das relações de produção e das classes sociais. Advogam a reorientação e a regulação dos padrões de consumo. Via de regra, essa explicação leva à banalização.

Estabeleceu-se também um debate científico-tecnológico. As condições para a implantação de novas tecnologias que evitam e sequestram os gases-estufa estão dadas, bem como já é possível mudar a matriz energética “suja” para a “limpa”. Nesse contexto, veio à tona a tão execrada energia nuclear, que passou a ser apresentada como solução. Mas seus adversários continuaram a perguntar onde se farão os lixões atômicos e quais novos perigos trarão.

O etanol foi abraçado pelo governo brasileiro como um fantástico avanço. Organismos internacionais insuspeitos, não apenas a suspeitosa Cuba, indicaram os riscos de sua produção para a cadeia alimentar.

Para determinados setores, é possível tornar comercializáveis novas matrizes energéticas e novas tecnologias de mitigação da emissão de carbono. Há capital sobrando que pode explorar fontes de energia “renováveis” e não renováveis, mas limpas. Prevêem-se negócios fabulosos motivados pela disfunção climática. Viram-se as costas para o fenômeno de que a natureza dá mostras inequívocas de que não suporta carregar em suas costas um sistema econômico anárquico, que lhe tira mais do que pode dar e que lhe acrescenta mais do que pode suportar. O capital é cego, a não ser para o lucro.

Os desastres naturais e suas repercussões econômico-sociais obrigaram a burguesia, por meio de suas instituições – ONU, centros de pesquisa, revistas científicas etc. -, a reconhecer que a natureza está sendo afetada “pelo homem”. Há praticamente duas décadas vem sendo apresentado e alertado o perigo do efeito-estufa, mas é empurrado para frente.

E por quê? Porque não há solução por meio das relações capitalistas de produção. No entanto, os impasses aparecem na superfície econômica. O fracasso do protocolo de Kyoto o comprova. Os EUA não admitiram seus critérios. A recente declaração do G-8 padeceu do mesmo mal. Nenhum país quer mexer em seus capitais sem que o outro mexa primeiro e ceda mais. A divisão entre desenvolvidos (potências imperialistas) e não desenvolvidos (países semicoloniais) tomou corpo no 4º IPCC e, agora, no G-8.

A China, que vem restaurando o capitalismo e, por isso, assumiu a frente dos conflitos de mercado, juntamente com Índia, Brasil etc., é tida como a grande culpada. Mas, como modificar essa realidade? Todo o problema dos desequilíbrios naturais aparece deformado pela lente do capital.

A indústria armamentista e o comércio de armas vêm crescendo impetuosamente. É por esse caminho que vemos onde vão parar as divergências que separam as nações capitalistas umas das outras. O problema climático poderá dar lugar a grandes choques.

Esperamos que esta revista ajude a combater a barbárie contra a natureza e contra o próprio homem.

Ersen Martins de Oliveira

Este número contou com a colaboração imprescindível do Grupo de Estudos e Pesquisas Ambientais da PUC-SP (ECOS). Os membros do ECOS, especialmente na figura de seu coordenador, Prof. Dr. Maurício Broinizi Pereira, auxiliaram no desenvolvimento e na elaboração do conteúdo deste revista.

O editor

ECOS: UM NOVO GRUPO DE PESQUISA NA PUC-SP

O ECOS – Grupo de Estudos e Pesquisas Ambientais – constitui um espaço de diálogo, reflexão e produção de conhecimento entre professores, estudantes e pesquisadores de diversas áreas acadêmicas que têm por objeto de pesquisa o meio ambiente e a complexa relação homem/natureza. A perspectiva interdisciplinar, compreendendo o levantamento de novas problemáticas e a sondagem de paradigmas alternativos às concepções cientificistas tradicionais, visa estabelecer um ponto de inflexão fundamental diante dos desafios ambientais contemporâneos. Neste sentido, a separação homem/natureza, processada pelas principais escolas científicas, deve necessariamente ser superada, assim como os conceitos que habitam o imaginário social contemporâneo e constituem a ilusão da inexorabilidade do progresso, da modernização e da razão instrumental tecno-científica.

A formação inicial do grupo envolve pesquisadores que já contam com produções e projetos que traduzem tais perspectivas, assumindo agora a tarefa de construir um *locus* de acolhimento, diálogo e fomento de iniciativas individuais e coletivas para novos trabalhos que atentem para os problemas ambientais da contemporaneidade.

Nossa participação nesta edição da PUC Viva busca ampliar o diálogo entre os diversos segmentos da universidade e chamar a atenção para a gravidade da crise ambiental planetária, assim como para a necessidade de repensarmos nossos paradigmas, nossas práticas e nossas ilusões com a cultura ocidental. O mundo que construímos até aqui é socialmente injusto e ecologicamente insustentável. Resta-nos o enorme desafio de encararmos o óbvio! **EP**

Prof. Maurício Broinizi Pereira

EXPEDIENTE

A revista PUCviva é uma publicação acadêmica e informativa trimestral dos professores da PUC-SP, editada pela Apropuc, com tiragem de 2 mil exemplares.

DIRETORIA DA APROPUC

PRESIDENTE:

Priscilla Cornalbas

Vice-presidente:

Sandra Gagliardi Sanchez

1º SECRETÁRIO:

Erson Martins de Oliveira

2ª SECRETÁRIA:

Maria Beatriz Costa Abramides

1ª TESOUREIRA:

Victória Claire Weischardt

2º TESOUREIRO:

Carlos Alberto Shimote Martins

SUPLENTE:

Hamilton Octavio de Souza;

Ivan Rodrigues Martin

CONSELHO EDITORIAL:

Erson Martins de Oliveira;

Hamilton Octavio de Souza;

Priscilla Cornalbas

EDITOR GERAL

Erson Martins de Oliveira

EQUIPE DA REVISTA

EDITOR:

Ricardo Melani (MTPS 26.740)

PREPARAÇÃO E REVISÃO:

Gabriel Kolyniak

EDITORACÃO ELETRÔNICA:

MAURO TEIES

CAPA E ILUSTRAÇÕES:

RICARDO MELANI

IMPRESSÃO:

FERRARI EDITORA E ARTES GRÁFICAS

APROPUC-SP - Rua Bartira, 407 - Perdizes - CEP 05009-000

Fones: 3872-2685, 3865-4914, 3670-8209 apropuc@uol.com.br • www.apropucsp.org.br

ÍNDICE

6

AQUECIMENTO GLOBAL E MUDANÇA CLIMÁTICA GLOBAL:
EFEITO ESTUFA E EFEITOS DO CAPITALISMO
CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

13

AQUECIMENTO GLOBAL: REBELIÃO DA NATUREZA
ERSON MARTINS DE OLIVEIRA

24

ENTRE A NATUREZA, A HISTÓRIA E O FUTURO
MAURICIO BROINIZI PEREIRA

27

CRÔNICA DE UMA (BIO)CATÁSTROFE ANUNCIADA
JOSÉ ARBEX JR.

36

TRANSGÊNICOS NO GOVERNO LULA: LIBERDADE
PARA CONTAMINAR
MARLIANE VIEIRA LISBOA

43

OS PROBLEMAS "ECOLÓGICOS" E A SUPERAÇÃO
DA ECOLOGIA
DOUGLAS FERREIRA DE PAULA

48

O BRASIL NO PROTOCOLO DE BIOSSEGURANÇA: POSIÇÕES E
CONTRAPOSIÇÕES
GERALDO ALVES

53

TURISMO E NATUREZA: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO
HOMOGÊNEO, QUEBRADO E HIERÁRQUICO
ALAN FABER DO NASCIMENTO

60

BIOCOMBUSTÍVEL: DISCURSO RENOVADO PARA VELHAS
PRÁTICAS?
RICARDO BARRETTO

67

A APROPRIAÇÃO DA ÁGUA E A IMPORTÂNCIA DA
REPRESENTAÇÃO NOS COMITÊS DE BACIA
RICARDO TOLEDO NEDER

73

UMA EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA DO ASSENTAMENTO DO
MST DE ITAPEVA: UM EXEMPLO QUE FAZ REFLETIR
JOÃO KRUGER

77

REGIMES INTERNACIONAIS COMO SOLUÇÃO PARA PROBLEMAS
AMBIENTAIS GLOBAIS: A QUESTÃO DA ÁGUA DE LASTRO
MÁRCIA NOGUEIRA FRANCESCHINI

85

A PERMACULTURA E AS TECNOLOGIAS DE CONVIVÊNCIA
EDUARDO ANTONIO BONZATTO

92

RESERVAS DAS RESERVAS
ANA CAROLINA M. AYRES

95

NORMAS DE PUBLICAÇÃO



AQUECIMENTO GLOBAL E MUDANÇA CLIMÁTICA GLOBAL: EFEITO ESTUFA E EFEITOS DO CAPITALISMO*

Carlos Walter Porto-Gonçalves

Professor do Departamento de Geografia - UFRJ

Um dos pilares da sociedade moderna é que o progresso humano advém da dominação da natureza por meio da ciência e sua aplicação tecnológica. Desde que James Watt, no século XVIII, descobriu os princípios da máquina a vapor com uso do carvão, essa idéia vem se tornando cada vez mais concreta. É que o carvão, e depois também o petróleo, concentra um enorme potencial de trabalho, isto é, capacidade de transformação da matéria, e a isso os físicos chamam energia. Essa é a razão pela qual essa matéria adquiriu uma enorme importância em comparação a outras matérias. O carvão e o petróleo são matérias que permitem transformar outras por concentrarem muita energia e, por isso, as regiões

e países que abrigam grandes jazidas são particularmente visadas pelos grandes complexos empresariais, em sua maior parte sediados nos países industrializados.

Na verdade, esses complexos e esses países não podem viver sem as jazidas para as quais a natureza parece ter escolhido o lugar errado. A arrogância desses grandes complexos industriais e seus países revela sua fragilidade, uma vez que, por mais que dominem a tecnologia, dependem de um recurso natural que não podem produzir. Aliás, é bom que se afirme que nenhum país é produtor de petróleo, de carvão, de ferro ou de qualquer outro mineral, ao contrário do que muitas vezes querem fazer crer. Nenhum

* Este texto foi publicado em <http://www.forumcarajas.org.br/artigos2.php?id=72>

